

AS NOÇÕES HUMEANAS DE CAUSALIDADE E SIMPATIA, E A RELAÇÃO DELAS COM O PROBLEMA DO GOSTO.

Autores:

Rafael Fernandes Barros de Souza (bolsista) e José Oscar de Almeida Marques (orientador)

UNICAMP - IFCH - Deptº. de Filosofia

Pibic / Cnpq

Palavras-chave: Gosto - Causalidade - Simpatia

Sobre esse estudo

Essas pesquisas sobre as noções de causalidade e simpatia na filosofia de David Hume (1711 - 1776) fazem parte de um estudo maior sobre Estética, iniciado em 2006 com um projeto de pesquisa sobre o ensaio humeano *Do Padrão de Gosto*, também financiado pelo CNPq.

Nesse afamado ensaio Hume discute a possibilidade de se julgar corretamente sobre a beleza de obras de arte, concluindo que algumas pessoas são mais capacitadas do que outras neste respeito, e por isso seriam mais justificadas a qualificar o mérito de obras de arte.

Passamos então a estudar a noção humeana de causalidade, a partir do livro I do *Tratado da Natureza Humana*, porque suas considerações sobre beleza e deformidade são colocadas, aparentemente, em termos de causa e efeito: “Algumas formas e qualidades particulares são calculadas para agradar, e outras para desagradar, de acordo com a estrutura original da fábrica interna, e se elas falham em seu efeito em alguma instância particular, é devido a algum defeito aparente, ou imperfeição do órgão.” (*Of the Standard of Taste*, p. 233, § 12).

Todavia, não demorou muito para descobrirmos que simpatia responde mais por esses fenômenos de apreciação artística do que a causalidade. Inclusive, há apenas um único momento no ensaio *Do Padrão de Gosto* em que Hume fala em *causa* (*Of the Standard of Taste*, pg.: 243 §27), e é num contexto de explicação que se assemelha bastante ao que se diz sobre simpatia no livro II do *Tratado da Natureza Humana*.

Causalidade

Os fatos indicam a existência de uma conexão regular entre o que chamamos de causa e de efeito, mas, segundo Hume, nada na observação dessa regularidade nos diz que essa conexão é necessária, ou que ela existe na natureza mesmo das coisas. Após análise, Hume conclui que a conexão causal é um processo mental cuja força é atestada pela maneira como essa conexão é concebida, isto é, pelo *feeling* que a acompanha.

Isso se explica, dentro da filosofia de Hume, pela consideração de que tudo o que existe é, ou impressão, ou idéia (que são cópias fiéis, embora enfraquecidas, das impressões) (*Tratado da Natureza Humana*, 1.1.1 §1, pg.: 7). Além disso, toda impressão ou idéia é distinguível e separável uma da outra, logo, podem ser concebidas como separadamente existentes, sem quaisquer contradições ou absurdidades (*Tratado da Natureza Humana*, *Apêndice*, pg.: 399 §12). Após investigação, causalidade é descoberta diferente de impressões e de idéias, o que leva Hume a concluir que ela só pode ser algo exterior a essas percepções, uma pura conexão produzida entre idéias pela Imaginação; e como toda idéia é separável e distinguível, então não pode haver quaisquer relações necessárias entre elas.

Mas ainda que causalidade seja um princípio de associação de idéias, ainda assim trata-se de o mais forte dos princípios associativos, tal que a idéia de um objeto considerada “causa” impele a Imaginação a trazer à mente a idéia do objeto considerado “efeito”, e mesmo que isso seja um processo psicológico desprovido de *necessidade*, essa relação entre causa e efeito produzida pela Imaginação conserva a força da *inevitabilidade*: a Imaginação naturalmente nos leva, diz Hume, de um objeto ao outro, sem que nos apercebamos disso, e nossa certeza dessa relação é mesmo, às vezes, maior do que certezas provadas por necessidade.

Enfim, o que Hume quer deixar entender é que o processo de inferência é puramente imaginativo, baseado numa experiência interna, e que nenhuma experiência externa corresponde a isso; mas é muito importante notar que isso não significa que a inferência seja um processo irregular e incerto, incapaz e inadequado para fundamentação de nossas opiniões e do conhecimento baseado em fatos:



DAVID HUME, por Allan Ramsay, 1754.
The Scottish National Portrait Gallery, Edinburgh, Scotland.

somente que essa é a natureza dela. Assim, temos que um fato qualquer pode nos informar de uma outra coisa que, talvez, seja o caso, mas que talvez não seja, jamais há garantias definitivas de um lado ou de outro, a não ser por razões psicológicas, isto é, pela sensação, ou *feeling*, que acompanha a concepção da relação causal - a infalibilidade do *feeling* é que recupera a confiança, por assim dizer, na Imaginação, restabelecendo a validade da inferência, assim como confiamos no conhecimento derivado por necessidade.

Nota-se que valorizar a Imaginação e a sensação não é, para Hume, entregar-se ao ceticismo, mas é apenas reconhecer os limites da experiência externa, complementando-a com a sua contra-parte interna. É reconhecer outra dimensão da natureza humana, e a partir dela poder reconhecer outras maneiras de se relacionar com as coisas do mundo, ampliando o modo segundo o qual pensamos, agimos e determinamos o que é conhecimento, o que é belo e o que é bom, tudo isso a fim de resolver absurdos gerados pela reflexão puramente racional sobre temas tradicionais da filosofia, tais como existência ou não de objetos externos e relação de causa e efeito entre eles, justificação de juízos de valor em Moral e em Estética, os quais devem se basear puramente no sentimento que se tem, etc..

Simpatia

Inicialmente Hume explica simpatia como conversão instantânea das idéias dos afetos de outrem em impressões fortes e vivas desses afetos, isto é, nos próprios sentimentos do outro. Nota-se ainda que isso é um fenômeno psicológico do qual o sujeito não se apercebe, a não ser pelos efeitos (ele se emociona), e pelos sinais de semblante e conversação do outro, os quais o sujeito acredita terem sido as causas de sua emoção.

Podemos esquematizar o processo da conversão de uma idéia em impressão em três etapas: 1) observação dos sinais externos de semblante e de conversação da outra pessoa; 2) concepção das idéias

correspondentes a essas impressões; 3) infusão de força e vivacidade nessas idéias de paixões, transformando-as nas próprias paixões da outra pessoa.

Tratamento filosófico é dado à terceira etapa somente, qual seja, a infusão de força e vivacidade em idéias. O fato de sinais externos de semblante e de conversação poderem comunicar as paixões de uma pessoa - etapa 1 - não é explicado, logo, isso é uma premissa admitida; o mesmo vale para a correspondência perfeita entre idéia e impressão correlatas - etapa 2 - (mas isso não é uma premissa meramente admitida, sendo embasada na psicologia do livro I, parte 1 do *Tratado da Natureza Humana*).

A infusão de força e vivacidade numa idéia é explicada basicamente por sua mistura com percepções mais fortes e vivas, as quais se misturam a ela graças aos princípios associativos de *semelhança* e *contigüidade* (entre outros menos importantes, ou que se reduzem a um destes dois, além de um tipo especial de causação). Essas percepções mais fortes e vivas provêm da impressão de *eu*, ou melhor, das impressões do *eu*, que são sempre as mais presentes e animadas dentre todas as outras percepções - essa correção é minha, não sendo feita explicitamente por Hume. Quanto mais próximas e fortes forem as relações de semelhança e contigüidade, tão mais facilmente uma idéia é convertida em impressão.

Mas não é porque simpatia se mostra regida por certos princípios que se deve supor que tais fenômenos ocorrerão sempre que esses princípios estiverem presentes. Se assim fosse, teríamos simpatia por todas as pessoas que nos cercam sucessivamente, pois todas elas conservam semelhanças conosco (são humanas), e estariam, ao menos naquele momento, contíguas a nós - o que obviamente não é o caso, e é muito estranho de se supor. Portanto, é preciso considerar a influência de outras circunstâncias para explicar por que os fenômenos de simpatia não se dão a todo o momento, tais como mesma educação e costumes, além da proximidade e intimidade que usualmente se reserva a pouquíssimas pessoas, e de certas reflexões do entendimento, que corrigem nossas percepções e juízos (*An Enquiry concerning the Principal of Morals*, pg.: 229 §186)..

Conclusão

A doutrina de Hume sobre simpatia responde muito mais pelos fenômenos de apreciação artística e sensação de beleza do que suas considerações sobre causalidade. Hume não estaria plenamente justificado a dizer que algumas formas e qualidades particulares são calculadas para agradar se antes ele não procurasse explicar casos em que sentimentos são compartilhados: uma explicação para os fenômenos de simpatia supre essa necessidade, tal que, dessas sensações compartilhadas, se possa determinar quais qualidades agradam geral e freqüentemente.

Quanto à causalidade, ela é tal que opera somente entre idéias, não sendo adequada para associar impressões, como é o caso na relação entre certas qualidades de objetos e certos sentimentos. Mas o estudo da causalidade foi importante para percebermos a importância da Imaginação e da sensação no estabelecimento de relações causais e fundamentação de nossas opiniões sobre fatos, constatação esta que, de certo modo, ilumina o alcance do pensamento estético humeano dentro de seu projeto filosófico.

Bibliografia

HUME, David. *A Treatise of Human Nature: as being an attempt to introduce the experimental method of reasoning into moral subjects*. NORTON, David Fate e NORTON, Mary J. (Eds.). Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. “Of the Standard of Taste”. In: *Essays Moral, Political, and Literary*. MILLER, Eugene F. (Ed.) Indianapolis: Liberty Classics, 1987.

_____. *Enquiries: concerning Human Understanding and concerning the Principles of Morals*. SELBY-BIGGE, L. A (Ed.). 3 ed. Oxford: Claredon, 1975.